

## Eudemonia – Eudaimonia: a busca da felicidade

Ricardo Marinho da Silva<sup>1</sup> **105**

### Resumo

O presente estudo busca investigar na literatura concepções acerca da felicidade articuladas ao sentido da vida. Utiliza-se como fundamentação teórica sob o marcador da Antiguidade Clássica: *Apologia de Sócrates e A República*, Platão (380 a.C) e *Ética a Nicómaco*, Aristóteles (350 a.C); Idade Média: *A Consolação da Filosofia*, Severino Boécio (1998). *Suma teológica*, Tomás Aquino. *Diálogo sobre a felicidade*, Santo Agostinho (386 d.C) e da Idade Contemporânea: *Die Kunst, glücklich zu sein*, Arthur Schopenhauer (2013). *Admirável Mundo Novo*, Aldous Huxley (1932). *A Felicidade Paradoxal: Ensaio Sobre A Sociedade De Hiperconsumo*, Gilles Lipovetsky (2007); *A arte da vida*, Zygmunt Bauman (2008). *Admirável Mundo Novo*, Aldous Huxley (1966). Constatando que a temática é de viés subjetivo, porém, quando contrastada, identificam-se representações sociais acerca do ser feliz, associadas às formas que as estruturas sociais representam. Considera-se a felicidade como múltipla, adaptável e evolutiva, buscando responder os fatores biopsicossociais que demandam o existir.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensaio crítico; Felicidade; Eudemonia; Eudaimonia; Revisão de literatura.

### Abstract

The present study seeks to investigate in the literature conceptions about happiness linked to the meaning of life. It is used as a theoretical foundation under the marker of Classical Antiquity: *Apology of Socrates and The Republic*, Plato (380 BC) and *Ethics to Nicomachus*, Aristotle (350 BC); Middle Ages: *The Consolation of Philosophy*, Severino Boécio (1998). *Sum theologically*, Tomás Aquino. *Dialogue on happiness*, Saint Augustine (386 AD) and the Contemporary Age: *Die Kunst, glücklich zu sein*, Arthur Schopenhauer (2013). *Brave New World*, Aldous Huxley (1932). *Paradoxical Happiness: Essay on the Society of Hyperconsumption*, Gilles Lipovetsky (2007); *The art of life*, Zygmunt Bauman (2008). *Brave New World*, Aldous Huxley (1966). Noting that the theme is subjective, however, when contrasted, social representations about being happy are identified, associated with the forms that social structures represent. Happiness is considered multiple, adaptable and evolutionary, seeking to answer the biopsychosocial factors that demand existence.

**KEYWORDS:** Literature review; Happiness; Eudemonia; Eudaimonia; Critical essay.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Psicologia – Universidade de Évora.

*Eudemonia, Eudaimonia e Felicidade*

Será mesmo que o homem realmente procura constantemente a felicidade ou caso contrário à sua vida estaria estagnada? A busca da felicidade plena, mesmo referindo-se à felicidade utópica, movimenta o homem para não perder a razão da vida? Efetivamente, o que é mesmo a felicidade (Ricardo Marinho, 2015)?

Na Antiguidade Clássica, o homem não procura constantemente a felicidade. Na filosofia Socrática, a felicidade aparece associada à ideia de virtude, como meio a alcançá-la (Vlastos, 1994; Irwin, 1995; Dinucci, 2009). Todavia, a maiêutica Socrática coloca-nos a pensar acerca dos processos associados aos existires que circunscrevem o ser, considerar-se e perceber-se como um ser feliz. Tal dialética, refere-se aos questionamentos que refletem em escolhas individuais, e a partir delas a tomada de consciência (auto responsabilização) e, conseqüentemente, o autoconhecimento (sabedoria) que se obtém. Portanto, na *Apologia de Sócrates*, considera-se que a sabedoria torna o homem virtuoso, sendo o único bem, e que a sua posse resulta em felicidade (Platão, 2009).

No livro *A República* de Platão, o filósofo faz uma comparação social para explicar sobre os aspectos que perpassam a justiça e injustiça, importante para o contexto de formação social da época, utilizando como metáfora o homem que é visto excluído socialmente e o que tem o poder, refletido socialmente como o ruim, assim como o que é visto como o bem-aventurado. “Os justos têm uma vida melhor e são mais felizes do que os injustos” (Platão, 2000, p.41).

Isso porque, acredita-se que os justos possuem uma vida socialmente feliz. Tendo como exemplo, a felicidade é do homem injusto mascarado por um homem justo, porque o homem injusto sofre por punições e castigos, ao contrário do homem que é justo, que usufrui da aquisição social. (Platão, 2000). Por outras palavras, nesse primeiro escrito, a felicidade é colocada como um sinónimo para a justiça versus injustiça, confirmando as vantagens de ser um homem justo, posto que a via da justiça trará a felicidade para o indivíduo e a injustiça terá peso e conseqüências da população da época. “Logo, o homem justo é feliz e o injusto é desgraçado” (Platão, 2000, p. 43).

Exemplificando, serão as boas condições financeiras que também proporcionarão boas condições de vida, trazendo assim a felicidade. Porque se associarmos este fator com a ideia que Platão (2000) defende na sua época, Antiguidade Clássica, o homem vive para ser feliz. Então, perceberemos que a felicidade nesse contexto será uma compensação para uma vida virtuosa e justa: felicidade é uma recompensa para tornar o indivíduo bom, perfeito, visando tornar a sociedade perfeita e feliz.

Não muito distante, para Aristóteles, aluno de Platão, o humano nasce para ter uma vida boa, justa, virtuosa e consequentemente feliz. (Aristóteles, 1987). No seu livro *Ética a Nicómaco*, é explanado o bem viver e bem agir como um ciclo que tornará o ser feliz, “a felicidade é, portanto, algo absoluto e autossuficiente sendo também a finalidade da ação” (Aristóteles, 1987, p. 15).

Embora os seus escritos mostrem a sociedade, identificando a felicidade como boa fortuna, prosperidade. Para Aristóteles, a felicidade é resultado de um processo definido como virtude, um termo utilizado para caracterizar o homem bom; remetendo, o que Platão definiu como honra. O que difere de Platão é que Aristóteles acredita que a palavra virtude transcende a honra e que o homem busca a virtude como o seu auto afirmador (Aristóteles, 1987; Platão, 2000).

No entanto, o que perpassa por esses conceitos é definido em duas concepções de sujeito, baseando-se na sociedade da época: os de vida política e os de vida contemplativa, ambos complementando-se e discordando dos seus próprios aspetos. Um percebe a felicidade como um prazer, voltada para o gozo, para o livro. O homem de vida contemplativa precisa da prosperidade, porque a falta de nobreza empana a felicidade: porque para ser feliz é preciso ser-se nobre e para se ser nobre é preciso poder, bens materiais e boa descendência. Para além do gozo é preciso realizar boas ações. A outra forma citada é a vida política, tendo como modo a vida honrosa, nomeada como a vida virtuosa, onde o bem e a boa conduta contemplam o homem (Aristóteles, 1987).

Do mesmo modo, Platão acredita que os homens procuram de sua forma singular e subjetiva, convencerem-se a si mesmos que são bons e isso traz a honra. E que a honra traz a felicidade. Mas, para Aristóteles, a virtude trará a forma mais completa da felicidade, porque a virtude transcende a honra, então, vai muito além da felicidade. A felicidade é a união de honra, prazer, razão e todas as virtudes. Sendo posta como um bem, o mais desejável de todas as coisas. “A felicidade é, portanto, algo absoluto e autossuficiente, sendo também a finalidade da ação” (Aristóteles, 1987, p. 15).

Desse modo, o homem nasce para ser feliz, ou melhor, o homem nasce para ser virtuoso e essa virtuosidade trará a felicidade.

Se nos deslocarmos e analisarmos os contextos minunciosamente, perceberemos que explanam que o bem, o bom, o virtuoso e justo precedem o homem, ou seja, antecedem o ser, para afirmar que o mesmo tem que ser bom, bondoso e virtuoso. Desta forma, alcançará a felicidade supracitada, sempre posta como uma compensação à vida honrosa, assemelhando-se a uma concepção medieval, cristã, visão esta que acredita na divindade, na qual a felicidade

é uma instância divina. Ideia central que Santo Agostinho pregava na Idade Média, retomando a dicotomia de Platão como embasamento e tendo como referencial o mundo sensível e o mundo das ideias, criando uma releitura para o mundo das ideias, substituindo-o pelo mundo divino e nesse mundo divino está posta a verdadeira felicidade (Agostinho, 1998).

Dominada pela influência dos marcadores religiosos - cristãos e suas crenças acerca do “Sumo bem” em “La consolazione della filosofia” de Boécio, identifica-se que a felicidade “consiste num estado perfeito pela congregação de todos os bens” (Boécio, 1998). Aprofundando a “Justiça” de Platão e a “Virtude” em Aristóteles, a luz do contexto religioso, Boécio acredita que todos os homens desejam alcançar o bem final, e este bem é a felicidade, “A essência desta felicidade só reside em Deus” (Boécio, 1998), nomeadamente o Soberano. A partir dos seus escritos filosóficos da época, identifica-se que a felicidade vem do Bem, através da existência de Deus (Boécio, 1998).

Por conseguinte, no texto O conceito de Beatitude em Santo Agostinho é descrito que a ciência é alimento para a alma e que o humano precisa alimentar-se para descobrir a verdadeira felicidade, que vem em consequência da verdade, e a verdade é Jesus Cristo (Agostinho, 1995). Para isso é criado o conceito de Beatitude, para descrever que o homem precisa procurar algo superior que não fosse pertencente ao mundo e só dessa forma se encontraria e teria acesso à divindade. Essa perspectiva delimita a ideia de certo e errado, pecado, atos que à luz do contexto afastam a verdadeira felicidade. Subjetivando a ideia de abdicação de satisfação (suspensão) dos prazeres, em nome de uma possível felicidade além da possibilidade vivida. A sabedoria aparece em seu texto como caminho para encontrar a felicidade, no entanto, a sabedoria aparece em tom de moral, buscando massificar o adiamento da felicidade para fins religiosos. Segundo Agostinho (1995) a felicidade é resultado do encontro da pureza humana com o divino e disso surge a verdadeira felicidade.

Já Tomás de Aquino, estudante de Aristóteles, descreve que a sociedade da época percebia a felicidade como uma bem-aventurança, honra e poder, todavia, considerava-a uma falsa felicidade. No seu texto Suma Teológica, narra que a concepção de felicidade da sua época encontra-se ligada diretamente ao sentido da vida e está vinculada à essência do homem. No entanto, semelhante à concepção de Agostinho, é retomada a concepção de Beatitude para descrever a felicidade à luz de Deus, mas enquanto na terra e não de forma completa, parcial, não possível na vida mundana.

Se analisarmos o contexto, a chamada Idade das Trevas, a supremacia intelectual da igreja assume o poder com todo o seu dogmatismo. A felicidade desaparta-se da Filosofia e agrega-se nos saberes Teológicos para explicar as concessões mundanas. E, na Idade Média, a

ciência, o conhecimento e a vida respondem em nome de Deus. “Deus é o criador de todas as coisas.” (Agostinho, 1998). E em consequência, só o criador de todas as coisas pode garantir a felicidade, colocada como uma graça, uma benção, colocada na mão de um ser superior que faz o homem procurar por toda a eternidade. Concepção encontrada na época: “A felicidade vem representar um movimento de retorno a Deus de todas as criaturas.” (Oliveira e Costa, 2011). No entanto, o que diverge para os autores é que para Agostinho, a partir de Deus, a felicidade torna-se completa na terra, e a partir de Aquino percebemos que a felicidade completa só se alcança após a vida na terra. Respingos teológicos, filosóficos e culturais não desapartam em seu contexto. Eles diminuem, mas prosseguem com as épocas. O paradoxo da época medieval é a possibilidade de viver uma vida justa e feliz num plano sobrenatural, utilizando-se da igualdade entre os homens, justamente num momento social em que as relações de escravização e desigualdade são dominantes (Benito, 2012). A felicidade, portanto, torna-se objeto de procura e, conseqüentemente, recai como mecanismo de controle.

Com a evolução das massas, provinda da chegada das grandes tecnologias, transitamos para o sistema industrial e começamos a pensar num novo formato de homem: homem individual, da sociedade globalizada, munida de tecnologia. Cria-se uma sociedade de género, ou melhor, sem género algum: a sociedade de consumo. Com o capitalismo já em expansão, a constituição social é no contexto da produção. A felicidade torna-se secundária na relação de sujeito para tratar-se do contexto industrial: produto – produtor. “Felicidade não seria sinónimo de ausência de erro?” (Bauman, 2009, p.7).

Tal perspectiva é encontrada no livro *A arte da vida de Bauman* (2009), acreditando que a partir da industrialização e seus meios exacerbados de produção, a sociedade adquiriu novas estruturas de funcionamento, nomeadamente uma lógica mercantil. Tal cultura não se restringe ao comércio e ao dinheiro unicamente, mas, têm como formato de vida a lógica produtiva-consumista, que consiste em tudo muito rápido, muito passageiro, muito transitório. É preciso produzir, é preciso consumir. Tornando a concepção de felicidade reduzida ao consumo, ou melhor, as boas condições financeiras que sustentem o possuir, o ter, que afetam o ser. Processo importante para constituição de sujeito, que influi diretamente no ser feliz para o homem contemporâneo.

A felicidade é vista pela sociedade como possuir, mas ter dinheiro não traz a felicidade. Ele propicia melhora na qualidade de vida, levando ao bem-estar. Mas, isoladamente não assegura esse processo de felicidade (BAUMAN, 2009).

A partir disso, Punset (2005), discute a falsa felicidade, que consiste em demonstrar para os outros uma vida feliz e satisfatória, mas, na verdade, trata-se de uma felicidade falsa,

resumida em aparência. O autor ressalta que as estruturas sociais criaram nos indivíduos tais mecanismos de defesa, que são comportamentos produzidos para responder à cultura da competitividade, em que a felicidade individual é objeto de competição entre grupos. Lipovetsky (2007), nomeia tal processo de consumo-mundo, o que significa que a democracia mercantilista recria um novo formato de vida, de pessoas e de relações tendo como principal característica a expansão que é a todo o tempo exigida, fazendo do indivíduo um processo, um ciclo de produção, para crescimento do capital em prol da economia.

Tal formato estrutura-se a partir da mídia, do status, das redes sociais, pois para se considerar homem é preciso ter um automóvel, roupas de marca e tudo o que seu capital o faz para que este se sinta um homem. (Lipovetsky, 2007). Que com a mercantilização, industrialização e produção em massa - advento do capitalismo, a sociedade constitui-se no contexto da produção-produzir. O homem deixa de valer pelo que é, mas sim pelo que possui e o caos instala-se na cultura ocidental (Vázquez, 2011). O homem deixa de ser visto dentro do sistema como máquina – perspectiva fordista, e passa a ser maquinizado, interferindo em novas formas de relações e de se produzir subjetividade, posto numa relação de produto e produtor, (Bauman 2004).

Essas novas configurações, que estabelecem o que é ser feliz, produzem uma felicidade utópica, efêmera e inexistente, confundida com a obtenção de satisfação e prazer. Em que coloca o homem a buscar cegamente a felicidade, de forma que ela nunca é alcançada “satisfação sucessiva de todo o nosso querer” (Schopenhauer, 2005, p.813), condicionando a ideia de liberdade, falta-desejo, carência ou necessidade. Tais formas possuem efeitos negativos, pois geram fadiga ao trabalho e sua busca que é inalcançável. Todavia, têm efeitos positivos porque impulsiona o sentido da vida (Schopenhauer, 2013).

Em consequência, a sociedade estratifica-se por símbolos: aqueles que possuem boas condições financeiras verso aqueles que não possuem capital para adquirir os códigos para pertencer à sociedade financeira. Relações de poder formam-se entre indivíduos que estão submetidos em sistemas e estruturas de poder (Bourdieu, 1989). Tal violência simbólica reflete no processo ser, perceber-se e considerar-se feliz. Bauman (2009) e Lipovetsky (2007), discutem tal relação do “homem-capitalismo” e as novas formas contemporâneas que o ensinam a ser feliz.

Entretanto, para Bauman (2008), o dinheiro não traz a felicidade. Resume-se a proporcionar mais bens, em consequência, maior fruto do poder aquisitivo. Já Lipovetsky (2007), defende que essa concepção alimenta a sociedade do hiperconsumo, porque molda o funcionamento do indivíduo a viver a sua vida no ciclo “produzir para poder consumir”. Em

que para ser feliz é preciso produzir em excesso, porque no ciclo do viver é preciso sobreviver aos códigos que estruturam o mercado do consumismo. Crítica feita no livro Admirável Mundo Novo de Aldous Huxley (1932), que aborda a padronização do produto humano, regida pela tecnologia e pelo materialismo sob a máscara da democracia da felicidade. Em seu livro, discute-se que em tempos de grande avanço tecnológico e retrocessos, no que se refere a aspectos sócio-político-humanos, o “Homo” descrito pela biologia como “Sapiens” evoluiu para “Homo”, marcado pela tecnologia como “Maquinizado” e isso respinga nas formas de felicidade. Em que o homem – mundo (Lipovetsky, 2007), cria um sistema, e, que, quando atravessado pela sua criação, torna-se seu próprio produto no ciclo de se produzir (Bauman, 2008).

### **Reflexão acerca da Felicidade**

De acordo com a literatura, o homem não busca a felicidade em primeira instância. Na Filosofia o homem protagoniza viver a sua construção individual acerca do que é a felicidade. Tal perspectiva coloca sob o indivíduo a responsabilidade do confronto - questões naturais da existência - que entrelaçam entre felicidade - infelicidade.

Felizmente ou infelizmente, condicionou-se a refletir a felicidade sob forma de recompensa. O homem procura boas ações, boas condutas, tais atos que trarão o ser feliz. A felicidade está no lugar de recompensa, de resultado. Porque é preciso alimentar os ideais da felicidade como recompensa para formar uma sociedade de homem bom, justo e honroso. Ideais da constituição da sociedade ética greco-romana da época, influenciada por marcadores temporais, culturais e sociais. Por conseguinte, a sociedade cristã percebe a felicidade sobre duas óticas: a religiosa e a nobre. Percebendo a felicidade como divina ou sobre as riquezas e o poder real, todavia, há um movimento científico religioso da época que culturaliza a felicidade na relação com Deus. Já na perspectiva contemporânea, a felicidade é explicada a partir do consumismo, as dimensões de consumo e sucesso estão a serviço da busca do prazer e o dinheiro que emerge como a referência para a melhoria na qualidade de vida. As possibilidades de felicidade deslocam-se na dimensão do ter para ser e ser é consumir.

Dessa forma, reflete-se que desde a antiguidade clássica o mundo evoluiu, a passos largos, em direção a construções da felicidade, que se exprimem na aquisição de bens aquisitivos como representação do considerar-se feliz. Demonstrando que a felicidade é colocada como meta, sob a crença que o árduo trabalho será recompensado. Em que, subliminarmente, a mensagem que motiva às exaustivas horas de trabalho, serão os fins mercantis enviesados com o ser feliz. Atualizando a teoria da “Virtude” em A república de

Platão, em que a vida é posta como um objetivo a ser conquistado e o conhecimento - dinheiro na perspectiva moderna, são potencializadores, ou seja, trarão, conseqüentemente, a felicidade capitalista.

Tendo em vista, que a multiplicação dos bens mercantis não reduz o homem existencial, apenas o submete a responder do lugar do capital, da globalização e tecnologia. Criando um vazio preenchido por promoções e descontos, já que o homem não é uno, consumista ou formado apenas por gozos imediatos. Dessa forma, reflete-se que na sociedade grega o conteúdo da felicidade era a contemplação, sendo que na sociedade burguesa moderna, passa a ser a contemplação à posse de bens. Considerando que a concepção de felicidade para a sociedade contemporânea tornou-se sinónimo de alegria, não havendo espaço para o erro, equívoco, a não produtividade ou o fracasso, em outras palavras, a infelicidade. Problematiza-se, portanto, que a felicidade quando encarada é muito mais que uma palavra, um sujeito ou um subjetivo: a felicidade faz parte da existência humana, tal como a infelicidade indesejada. O homem moderno enquanto sujeito que se produz tenta encontrá-la através do ciclo do produzir e consumir, confundindo-a com outras emoções.

Dessa forma, numa sociedade em que “horas custam dinheiro” e o excesso de informações tornou a vida em excesso de atividades. O homem que estudou séculos para a Artificial intelligence, cometeu o erro de esquecer-se que para existir a felicidade é preciso haver também a infelicidade. Comandado por um ciclo em que o indivíduo busca aquilo que não sabe como obter, mas a busca coloca-o em movimento, respondendo ao sistema de maneira produtiva. Isso reflete-se em indivíduos em escravidão da contemporaneidade, em que a busca da felicidade ocorre de forma obsessivas, a tempo integral, em todos os âmbitos da sua vida. Tal perspectiva reflete-se em medidas individualistas, competitivas, em que a felicidade individual se tem revelado a caminho de destruir-se enquanto sociedade.

Haja vista, assim que o sujeito, ou seja, o homem, racionalizar que a felicidade precisa ser reinventada como uma questão omnipresente da existência e não a partir das leis do capital, o poder do consumo não terá mais atração alienadora como único modo de levar a vida. A partir disso, o ‘homem consumo’ terá desaparecido, pois o ciclo do hiperconsumo não terá mais sentido, e então a simplicidade supracitada fará com que o mundo fechado se abra para um universo de possibilidades, recriando outras formas de ser feliz que não estejam mais relacionadas à lógica do produzir para consumir e mostrar-se feliz. Em outros termos, é o sujeito existencial atravessado pelas relações, saúde, qualidade de vida e o gozo da vida mundana, e talvez divina, que trará o estado feliz em modo maior que simbólico do existir.



## Referências Bibliográficas

- AGOSTINHO, S. A Trindade. Tradução de Agostinho Belmonte. (São Paulo: Paulus, 1995) 2ª edição.
- AGOSTINHO, S. A vida feliz. Tradução de Nair de Assis Oliveira. (São Paulo: Paulus, 1998). 2ª edição.
- AQUINO, T. Suma teológica. (São Paulo: Loyola, 2003). vol III.
- ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. Trad. Leonel Vallandro e Gred Bornheim. (São Paulo: Os Pensadores; Nova Cultural, 1987).
- BAUMAN, Z. A arte da vida. (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009).
- BAUMAN, Z. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. (Rio de Janeiro: Zorge Zahar, 2004).
- BENITO JÚNIOR, E. A ética, o caos e a felicidade. (Ide, 2012). 35(54), 39-54. Recuperado em 04 de fevereiro de 2020, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31062012000100006&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062012000100006&lng=pt&tlng=pt).
- BOÉCIO, S. A Consolação da Filosofia. Trad. do latim por Willian Li. (São Paulo: Martins Fontes, 1998).
- BOURDIEU, P. O poder simbólico. (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989).
- DE OLIVEIRA, J. E., COSTA NUNES, M. R. A felicidade na filosofia de Tomás de Aquino [Happiness in the philosophy of Thomas Aquinas]. (Revista Ágora Filosófica: 2012). ISSN 1982-999X. Disponível em: <<http://www.unicap.br/ojs/index.php/agora/article/view/152>>. Acesso em: 04 fev. 2020. doi:<https://doi.org/10.25247/P1982-999X.2011.v1n2.p%p>.
- DINUCCI, A. A relação entre virtude e felicidade em Sócrates. (São Leopoldo: Filosofia Unisinos, 2009). v. 10, n. 3, p. 254-264, set./dez. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/filosofia/article/view/5024>>. Acesso em: 12 set. 2018.
- HUXLEY, A. Admirável Mundo Novo. (Espanha: Antígona, 1932). 1966 ed.
- IRWIN, T. Plato's Ethics. (New York: Garland, 1995). p.536.

LIPOVETSKY, G. A FELICIDADE PARADOXAL: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. (São Paulo: Companhia das Letras, 2007).

PLATÃO. Apologia de Sócrates. Trad. Manuel de Oliveira Pulquério. (Lisboa: Edições 70, 2009).

PLATÃO. República. Tradução Maria Helena da Rocha Pereira. (Lisboa: Fundação Calouste Gulbbenkian, 2001). ed. 9.

SANTOS, D. O Conceito de Beatitude em Santo Agostinho. (São Paulo: Unesp, 2008). Vol. 1, nº 1.

SCHOPENHAUER, A. Die Kunst, glücklich zu sein. Traducción: Angela Ackermann Pilári. (Titivillus: 2013).

SCHOPENHAUER, A. O mundo como vontade e como representação. Trad. Jair Barboza. (São Paulo: Editora Unesp, 2005).

VÁZQUEZ, A. S. Ética Trad João Dell'Anna. (São Paulo: Civilização Brasileira, 2011). 32a ed.

VLASTOS, G. Socrate: Ironie et Philosophie Morale. (Paris: Aubier, 1994). p.357.